

Quintino Bocaiúva (*)

ANTÔNIO SALES

Celebra-se hoje nos meios intelectuais o centenário de Quintino Bocaiúva, que foi um grande nome da imprensa e, depois de 15 de Novembro, um dos vultos proeminentes do regímen inaugurado nesse dia.

Quintino é um carioca da gema, tendo nascido no centro comercial da cidade, em casa que, por um capricho do destino, se transformou nesse belo templo das letras, que é o Gabinete Português de Leitura.

Depois de andar por escolas e colégios, aos quinze anos de idade, olhou em tórno de si e, não achando à mão uma ocupação, resolveu procurá-la em S.-Paulo.

Quando de lá voltou ingressou nas letras, tomando assim um caminho errado. Fez versos, escreveu dramas, e dirigiu a publicação de uma Biblioteca Brasileira, cujo primeiro fascículo mensal, de Abril de 1862, é consagrado à Lírica Nacional.

É um volume de 124 páginas, de aparência medíocre, e em que o diretor reunia o que iam produzindo os poetas contemporâneos, não sei se tudo enviado diretamente ou se em parte colhido na imprensa diária. Figuram neste exemplar—Aureliano Lessa, Zaluar, A. J. Ribas, A Marques Rodrigues, Aquiles Varejão, Augusto Colin, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, F. Otaviano, Bittencourt Sampaio, J. C. de Meneses Sousa (depois Barão de Paranapiacaba), Teixeira de Melo, Machado de Assiz, Junqueira Frei-

(*)—Lido na Academia, no dia centenário do grande público.

re, Laurindo Rabelo, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Pôrto-Alegre, P. de Calazans, Pedro Luiz, Salvador de Mendonça e afinal o próprio Quintino Bocaiúva, que se coloca modestamente no fim do volume.

É, como se vê, o estado-maior do romantismo, que ainda não saíra do limbo da mediocridade ao som redentor do clarim genial de Castro Alves.

Quintino prefacia êsse seu *trabalho*, como êle lhe chama, com um prólogo em que põe tôda a gravidade que conservou durante tôda a sua vida.

«Eis o nosso primeiro livro»—diz êle, e entra a formular pensamentos sôbre o momento literário de então, achando que essa tentativa é um «arrôjo».

Das composições de Quintino, contidas neste volume, onde há tanta pieguice, tanta afetação sentimental característica dêsse exagêro de paixão e desleixo de forma e de linguagem, peculiares à poesia romântica, ressalta a convicção de que êle entrou, como eu já disse, no mundo das letras por um caminho êrrado. Por isso mesmo Sílvio Romero apenas monciona seu nome em sua História da Literatura e Ronald de Carvalho nem isso. Êle também escreveu peças para o teatro, mas não se sabe que tenham tido êxito ou sequer se foram representadas.

Felizmente Quintino parece que se convenceu logo de que as letras não eram o terreno propício à sua inteligência, e voltou-se inteiramente para o jornalismo.

A política imperial havia já cansado todos os espíritos que não viviam dela ou para ela.

As simples oposições partidárias do parlamento e da imprensa livre já não davam desafôgo bastante à impaciência e à irritação da opinião pública, que sonhava com o progresso do País e não se resignava a ver a administração subordinada às paixões e interesses dos partidos, por trás dos quais o Imperador puxava o cordel que os fazia revezar-se no poder, sem lucro para a nação.

Os próprios estadistas que apoiavam o régimen condenavam, quando na oposição, essa política estéril, retrógada, que nada criava para *satisfazer os*

anseios do progresso do povo, que apenas concorria com seu voto para a constituição de um parlamento, onde ninguém se preocupava com as questões que mais interessavam ao nosso desenvolvimento mental e econômico.

Havia, pois, uma esplêndida oportunidade para um jornalista que possuísse talento e não tivesse sua pena subordinada aos interesses partidários.

Entrando na *diritta via*, da qual se desviara a princípio, Quintino cedo se impôs pela seriedade de seu espírito, pela independência de seu caráter e pela elegância de seu estilo.

E como todas as fórmulas da oposição comum estivessem esgotadas até a exaustão, começou a alvorejar o sonho revolucionário da idea republicana.

Saldanha Marinho, que dispunha de vasta influência moral, foi o chefe dêsse movimento, ao qual se agregaram vários homens notáveis na política, na jurisprudência e nas letras.

E tal preponderância havia Quintino ganho em meio dos novos inconfidentes, que foi escolhido para redigir o célebre manifesto republicano de 1870.

É um documento enérgico, mas sereno, de uma argumentação cerrada e irrespondível, traçado com mão firme de pensador e de estilista.

Firmam-no cinquenta e sete nomes, a maior parte dos quais não têm, ou pelo menos não têm hoje, para nós, nenhuma importância histórica. Em compensação, êle traz a assinatura de vultos da mais alta expressão social, como sejam—Saldanha Marinho, Aristides Lôbo, Cristiano Ottoni, Lafayette Rodrigues Pereira, Rangel Pestana, Limpo de Abreu, Salvador de Mendonça e Lopes Trovão.

O «País», dirigido por Bocaiúva, foi órgão principal da propaganda republicana até 15 de Novembro.

Na véspera dêsse dia, Quintino publicava o artigo fatídico «No Capitólio», cuja repercussão se confundiu com o estridor da queda da monarquia no dia seguinte.

No quadro que representa a proclamação da

República, ao lado de Deodoro, Benjamim Constant e Aristides Lôbo lá está Quintino a cavalo—talvez pela primeira vez na sua vida—, em frente à arcada do Quartel General.

O novo regímen o teve como ministro do Exterior e, com a eleição das novas câmaras legislativas, como senador.

Tenho sempre presente à minha memória a sua figura elevada, bem erecta, com o rosto comprido e severo, encimado por uma vasta cabeça coberta por um chapéu mole, de largas abas. À mão esquerda trazia sempre as luvas descalçadas, acompanhadas—cousa um tanto estranha—de um pequeno leque.

Essas luvas e o seu porte sobranceiro davam a impressão de que o democrata profissional, por assim dizer,—era um aristocrata, *malgré lui*.

Depois, Quintino governou o Estado do Rio, sua terra natal, mas essa função não lhe aumentou a glória política; ao contrário, fez conhecer que o Príncipe dos jornalistas no terreno da política prática, que é a administração pública, não possuía capacidade alguma. Ao mesmo tempo, Nilo Peçanha, que lhe era intellectualmente muito inferior, revelou nesse cargo notáveis qualidades de administrador, ganhando uma fama que o acompanhou até a morte.

Quintino era um teorista da política, e só na tribuna popular da imprensa se poderiam revelar seus altos dotes intellectuais, realçados pela sua convicção profunda da causa de que foi o mais eficiente apóstolo. Raramente se vêem associados um grande jornalista e um grande administrador.

O Príncipe dos jornalistas do seu tempo foi um belo príncipe que não deveria reinar fora dos domínios naturais de sua aptidão.

Rui Barbosa também camartelou rudemente o regímen, e os seus famosos artigos do «Diário de Notícias» muito concorreram para a ruína do mesmo. Mas Rui era apenas um monarquista disiludido, ao passo que Quintino era um republicano convicto. Rui, que não era um democrata, nunca desceu até o povo, e o povo nunca subiu até êle.

Demais, Rui nunca foi propriamente um jorna-

lista. Deve-se distinguir entre jornalista e publicista. Ora, Rui era um publicista que se servia da imprensa para divulgar suas ideias.

Fui redator da «Imprensa», jornal de que Rui era diretor, e apenas o ví ali raras vezes. Ele vinha somente conversar, acompanhado da sua cauda de clientes, no sentido romano da palavra. Seus artigos eram feitos em casa e remetidos ao jornal.

Jornalista é o que, como Quintino, Ferreira de Meneses, José do Patrocínio, Ferreira de Araújo (e, entre nós, João Lopes, Justiniano de Serpa e Valdemiro Cavalcante, para só falar dos mortos), na sala da redação, sentindo o cheiro da tinta e ouvindo o estralejar do prelo, escreve seu artigo, às vezes mandando-o tira a tira para a oficina, à proporção que vai sendo escrito.

Diz um conceito francês que «la presse mène à tout, à la condition d' en sortir.»

Quintino safu da imprensa para o ministério, para o senado e para o govêrno de um estado. Mas a lembrança que perdura dêle é a do homem de imprensa.

Jornalista êle o foi plenamente, o Príncipe dos Jornalistas de seu tempo.

E é curioso que êsse título coubesse ao homem cuja ação principal foi justamente a de eliminador da casta dos príncipes.
